

Haddad e Krause vão retomar as negociações com o FMI em dezembro

por Claudia Safatle
de Brasília

Os ministros do Planejamento, Paulo Haddad, e da Fazenda, Gustavo Krause, retomam, no início de dezembro próximo, as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Os dois ministros embarcam no dia 4 de dezembro para Washington, onde ficam até o dia 9, em contatos com o FMI, Banco Mundial (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). No dia 10 ambos vão a Nova York, onde participam de encontro com empresários e banqueiros internacionais, retornando ao Brasil na noite do mesmo dia.

“Nessa ocasião é que faremos a retomada oficial dos contatos e das negociações com os organismos multilaterais”, disse o ministro do Planejamento, em entrevista ontem. Em dezembro o governo do presidente em exercício, Itamar Franco, já terá uma avaliação de qual a proposta de reforma fiscal que o Congresso Nacional tende a aprovar para 1993, como estarão as contas do Orçamento Geral da União para o próximo ano e terá, também um programa de governo para o curto prazo e um projeto de médio e longo prazos. Com base nesses documentos é que os ministros conversarão com a direção dos organismos internacionais.

PRIMEIRA CONVERSA COM ITAMAR

Hoje o vice-presidente do Banco Mundial, Shahid Husain, chega a Brasília para uma primeira conversa com o presidente em exercício, Itamar Franco, e com os ministros da área



Paulo Haddad

econômica. Na semana passada o presidente do BID, Enrique Iglesias, esteve em Brasília e, segundo fontes oficiais, teria sido portador de um convite do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, para um encontro privado dele com os ministros Haddad e Krause na residência de Iglesias, em Washington. “Há sinais muito positivos enviados pelo FMI e pelo BIRD, sendo que a esse último teria agradado muito a preocupação do ministro Haddad com políticas sociais compensatórias”, disse um dos assessores do ministro do Planejamento.

No dia 5, domingo, os dois ministros deverão encontrar-se com os representantes brasileiros nas três instituições. “Esses serão contatos mais pessoais” disse Haddad.

DURAÇÃO DE VINTE MESES

Até o reinício das conversas em torno da negociação do acordo “standby” — que deveria ter ocorrido em agosto passado, mas foi suspensa em decorrência da crise política em que se envolveu o governo do pre-

Dai-Ichi crê em atraso

por Livia Ferrari
do Rio

O diretor do Dai-Ichi Kangyo Bank — considerado o maior banco do mundo, com um ativo total de US\$ 76 bilhões em março de 1992, fim do ano fiscal japonês —, Hisao Kobayashi, acredita que a mudança de governo no Brasil, e, em particular, a substituição do ex-ministro Márcio Marques Moreira, provocará um “atraso nas negociações com os bancos privados para o acerto da dívida externa brasileira”. Ele não esconde sua “preocupação” com esta possibilidade e diz que o tempo necessário para a retomada das negociações dependerá mais do próprio governo brasileiro do que dos credores. Kobayashi, que participou ontem da 26ª assembleia anual da Felaban, não quis revelar o montante da dívida brasileira junto ao Dai-Ichi Kangyo Bank, afirmando apenas que “é muito elevado”.

Ele colocou uma variável adicional às condições necessárias à volta de investimentos estrangeiros no Brasil: o controle da violência e providência na área de segurança

pública. Disse, no entanto, que continuam fundamentais as garantias de estabilidade política e controle macroeconômico. Diante disso, e ressaltando a convicção de que o Brasil caminhará no sentido do controle da inflação, Kobayashi prevê que a longo prazo os investimentos do Japão no País não deverão cair. Mas, a curto prazo, as perspectivas de novas inversões estrangeiras não são promissoras, pois “a situação econômica ainda é de insegurança”.

De acordo com ele, o Dai-Ichi está estudando novos investimentos na América Latina, sobretudo no México e Venezuela, países que fecharam acordo da dívida dentro do Plano Brady.

Já o diretor da Itoshu — maior “trading” japonesa, com vendas anuais de US\$ 150 bilhões —, Setsuzo Kosaka, disse que, em 1975, a empresa tinha 47 projetos de investimentos na América Latina, que caíram para catorze projetos em 1992. Somente em relação ao Brasil este declínio foi de trinta projetos, em 1975, para apenas cinco projetos.

sidente afastado, Fernando Collor de Mello — os ministros da área econômica manterão contatos informais. Como disse Haddad, os programas de governo, tanto o de curto prazo quanto o de médio e longo prazos, tão logo aprovados pelo presidente em exercício, serão enviados aos técnicos do FMI e do Banco Mundial, assim como serão informados sobre os desdo-

bramentos da reforma fiscal.

O acordo “stand-by” negociado pelo ex-ministro Márcio Marques Moreira, tinha duração de vinte meses, só terminando em agosto de 1993. Como entre agosto deste ano e dezembro o acordo está suspenso, os ministros da área econômica devem prorrogá-lo para até o final de 1993 ou início de 1994.